



A PROBLEMÁTICA DO ANALFABETISMO NA INDÚSTRIA MADEIREIRA INCOBEMA - INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA DE SINOP, MATO GROSSO

Fátima Aparecida de Matos Barboza*

RESUMO

Este artigo tem como proposta investigar a problemática do analfabetismo nos funcionários da empresa Incobema - Indústria e Comércio de Madeiras no município de Sinop. Nesse sentido, a pesquisa focou em um dos funcionários da empresa, contemplando a história de vida e a relação trabalho e escola. A pesquisa caracterizou-se de entrevista semiestruturada, com fundamentação teórica embasada na perspectiva de Paulo Freire. Como resultado parcial constatou-se que os trabalhadores analfabetos estão severamente marcados quando se fala de processo para ingresso no mercado de trabalho, pois contemplam apenas o setor madeireiro como principal fonte de trabalho e renda.

Palavras-chave: Analfabetismo. Escola. Funcionários da Indústria. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa está calcado no problema do analfabetismo entre os funcionários do setor madeireiro no município de Sinop. Buscamos compreender primeiramente da base empírica a situação dessas famílias em relação à permanência ou futuro retorno a escola. Através da pesquisa verificamos o quanto é difícil para esses trabalhadores estarem frente a uma sala de aula após um longo e exaustivo dia de trabalho.

2 CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO

* Este Artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **A PROBLEMÁTICA DO ANALFABETISMO NA INDÚSTRIA MADEIREIRA INCOBEMA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA DE SINOP, MATO GROSSO**, sob orientação do professor Dr. Josivaldo Constantino dos Santos - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), *Campus* Universitário de Sinop, em 2014/2.

Utiliza-se o termo alfabetização para referir-se ao processo mediante o qual uma pessoa passa, para aprender a ler e a escrever. Quando esse processo acontece, essa pessoa está alfabetizada, ou seja, ela passou pelo processo formal mediado pela escola. Desta forma, explica Magda Soares (2004, p. 15) que “[...] o termo alfabetização não ultrapassa o significado de ‘levar à aquisição do alfabeto’, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever [...]”. Sendo assim, entende-se que ao adquirir a habilidade da leitura e da escrita, essa pessoa poderá ter mais facilidade para participar ativamente e interagir no meio social onde se encontra.

A alfabetização é um processo muito importante para que uma pessoa possa desenvolver ao máximo suas capacidades, habilidades, funções e suas ações diárias. Segundo Paulo Freire (1990, p. 7-8). Alfabetização “é parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência.” Diante disso, entendemos a necessidade que há dessas pessoas fazerem parte do ‘mundo’ dos alfabetizados, podendo desta maneira, serem membros participativos e críticos deste meio. Para Freire (1990, p. 7-8) “ser capaz de nomear a própria experiência é parte do que significa ‘ler’ o mundo e começar a compreender a natureza política dos limites bem como das possibilidades que caracterizam a sociedade mais ampla.”

No entanto, infelizmente, é de nosso conhecimento que não há muitas oportunidades no mercado de trabalho para pessoas intituladas pelo meio social de analfabetas. Em torno dessa manifestação, segundo Freire (1990, p. 3) entende-se que, “o analfabetismo não é meramente a incapacidade de ler e escrever; é também um indicador cultural para nomear formas de diferença dentro da lógica da teoria da privação cultural. [...] experiência de vida e padrões de vida em sociedade”. Sendo assim, percebe-se a necessidade do retorno à escola, e não o contrário, como vemos em nosso país, onde a maioria desses trabalhadores iniciam sua vida no mercado de trabalho, seja ele formal ou não, para no futuro, já na idade adulta tentar a oportunidade de estudar.

No entanto, segundo Jaqueline Moll (1996, p. 63) “da mesma forma que a linguagem oral, a linguagem escrita é resultado de uma produção social, é uma síntese do esforço coletivo dos homens ao longo da história da humanidade. É parte dos bens culturais produzidos ao longo dos séculos.” Diante de todo esse processo, é preciso repensar o direito dos trabalhadores da indústria madeireira como cidadãos e também como parte ativa de uma sociedade. Diversos fatores dificultam o processo de aprendizagem para esta classe, como: o

trabalho pesado, a carga horária elevada, a distância dos bairros até a escola, e problemas familiares.

As consequências trazidas pela não alfabetização são refletidas em três aspectos na vida dessas pessoas: social, político e econômico e atinge diretamente a pessoa com dificuldade no entendimento de seus atos. Desta forma entende Arruda (2012, p. 114) que:

A alfabetização não é só um processo que leva ao aprendizado das habilidades de leitura entre outras, mas sim a uma contribuição para a liberdade de expressão do homem em seu pleno desenvolvimento. Alfabetizar é propiciar condições aos jovens e adultos para ter acesso ao mundo da escrita tornando-a capazes não só de ler e escrever como de se comunicar na sociedade.

Sabe-se que onde a desigualdade social em relação à questão financeira está fortemente acentuada, não se pode dizer que as oportunidades estão para todos, isso seria uma injustiça social. A escola, como um espaço público, é um lugar privilegiado, onde ocorre a construção do conhecimento em cada sujeito, pois através dele se passa a compreender e a exercer, de fato, a cidadania. Além do conhecimento formal, aprendem-se e ampliam-se as relações humanas, o respeito à diversidade, e à cidadania, em sua concepção mais ampla.

Dessa maneira, entendemos que, todos que passam pela experiência de estar dentro da escola, em algum momento de sua vida, vivenciam uma relação muito intensa com esse espaço. Ela é o lugar da descoberta do conhecimento, da convivência com o outro, tanto o outro sujeito, como o outro espaço, o estar fora de casa, experimentando novas relações com os objetos e com as pessoas. Sendo assim, percebe Ferreira e Boneti (1999, p. 34) que:

Sendo o homem um sujeito social, histórico singular e ao mesmo tempo plural, a sua condição humana só se realizará nas relações com outros sujeitos sociais, igualmente históricos, singulares e plurais. Somos os únicos seres que nascem em dependência total de outro semelhante de sua espécie.

A escola que frequentam se torna uma referência em suas vidas. A sensação de pertencimento que essa convivência cria é gerada por essa relação entre o indivíduo e a escola. O sentimento de pertencimento a esse espaço faz dele um lugar de memória, de sentimento, de respeito e de identidade. Essa identificação com as coisas influencia parte da construção de uma cultura pessoal, que é determinante na construção de uma personalidade e de uma mentalidade, de uma cultura tanto individual, quanto coletiva, que permanece como lembrança, ideia, sentimento, imaginação e criação através do tempo vivenciado na instituição escolar.

É preciso, contudo, um olhar crítico sobre como a cultura escolar é formada. Pois esta, está repleta de sentidos e significados que muitas vezes não dialoga com a realidade dos alunos que a mesma recebe, ou nem chegam a receber. Ainda assim, e, sobretudo, é um lugar que precisa ser dos trabalhadores e trabalhadoras, de seus filhos e filhas.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi organizada a partir de abordagem qualitativa, estudo de caso, observação livre, entrevista semiestruturada e a história de vida. O sujeito da pesquisa foi um dos trabalhadores da madeireira. Nossa pesquisa foi pautada em educação de adultos. Através de suas histórias tivemos a oportunidade de averiguar as circunstâncias que não os permitiu estudar ao longo da vida.

Sendo assim, segundo Triviños (1987, p. 146) “podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, [...]”. Dessa forma o entrevistador interage com o entrevistado sem lhe causar pudor. Essa condição possibilita a liberdade de expressão ao entrevistado. Para completar, segundo Marconi , Lakatos (2010, p. 122-123), a “história de vida é uma técnica de pesquisa social utilizada pelos [...], educadores e outros estudiosos, como fonte de informação para seus trabalhos. Alguns autores designam essas informações de ‘documentos humanos’.”

Desta forma foi necessário imersão no campo empírico através de seus relatos e suas histórias para averiguar o fenômeno em questão: o analfabetismo entre os trabalhadores e como esses enfrentam esta realidade para desenvolver suas atividades.

4 CAMINHOS PERCORRIDOS

Para desenvolver este trabalho, antes de fazer a entrevista com o funcionário da indústria madeireira, passei pelo processo de observação livre no período de uma semana. Dessa maneira, pude verificar a forma de trabalho de cada um, a relação social, ou seja, o convívio com os colegas de trabalho e também com os proprietários da indústria.

Diante das respostas entrevista, desejamos compreender quais as causas que influenciaram essa pessoa para que não estudasse; pois por um momento ela até esteve em uma sala de aula, mas, não permaneceu nela. Considerando a entrevista como um momento de riqueza pessoal por toda história construída por esse trabalhador. Dessa maneira tomei a

liberdade de perguntar ao sujeito Trabalhador João¹. Qual seu estado civil, sua idade e se tinha filhos.

(01) Trabalhador João: Sou casado e tenho 62 anos, tenho oito filhos entre o primeiro e o segundo casamento.

Prossegui perguntando, se seus filhos estudam ou estudaram.

(02) Trabalhador João: Eles aprenderam só um pouco. Não estudaram porque não quiseram. Eu coloquei todo mundo na escola. Mas, hoje eles trabalham no pesado né, uma filha minha trabalha de limpeza, na casa das pessoas.

Através das respostas, percebe-se que os filhos desse trabalhador também estão seguindo o curso de vida de seu pai, fora do meio escolar. Talvez pelo fato desse pai não ter vivenciado essa prática em sua infância, os filhos não conseguem perceber a importância do ato de ser alfabetizado, não por falta de influência de seus pais, mas, infelizmente pela necessidade de trabalhar muito cedo, isso faz com que essa criança ou adolescente não permaneça na escola.

Diante desta exposição, percebemos o quanto é importante a participação efetiva da família na vida escolar de seus filhos. César Salvador (1999, p. 143) diz que, “o desenvolvimento do indivíduo se dá na interação entre a bagagem biológico-hereditária e a bagagem cultural própria do grupo que acolhe o ser humano, mediado, em primeira instância, pelos seus responsáveis mais próximos [...]”. Podemos entender que esses responsáveis mais próximos são os pais, são aqueles que criam essas crianças, pois, devem estar sempre orientando seus filhos diante das situações que eles ainda não podem responder sozinhos, uma delas é a orientação para a permanência na escola.

Contudo, eu quis saber ainda de onde esse trabalhador veio, que cidade, qual estado, e ele respondeu:

(03) Trabalhador João: Eu morava em Alagoas, aí primeiramente fomos para o Maranhão, que na época eu tinha uns quinze anos, fomos para lá porque estava bom de serviço. Alguns anos depois que viemos para o Mato Grosso, meu padrasto veio primeiro, depois ele mandou dinheiro para minha mãe vim com o resto da família.

¹ João, nome fictício, usado para relacionar o funcionário da indústria madeireira que concedeu a entrevista.

Diante da condição de sobrevivência, pode-se ressaltar que as famílias ficavam em busca de lugares ou cidades onde havia fartura de trabalho para sustentar seus filhos e assim poderem prosseguir vivendo e trabalhando. Assim eu perguntei há quanto tempo eles moram em Sinop e qual era a expectativa deles quando decidiram mudar para esta cidade

(04) Trabalhador João: Quando ficou ruim de serviço no Maranhão meu padrasto ficou sabendo da região do Mato Grosso, que era bom de serviço, ai ele resolveu vir para cá tentar a sorte como muitas outras famílias. Eu já era homem feito quando vim pra cá. Primeiro fomos morar em Peixoto, depois que viemos para Sinop. Têm uns 25 anos, aqui tinha muito trabalho nas serrarias e no mato para retirada da madeira.

Desta forma, percebe-se que naquela época as vontades de cada um deles era muito parecida: se mudaram para a região norte de Mato Grosso com o intuito de trabalhar e ganhar dinheiro. Movidos pelas propagandas que ouviam das terras e dos trabalhos que havia aqui, migraram em busca de algo melhor. Desta forma compreende Lúcio Lord (2011, p. 178) que:

Os funcionários deslocados para esta região trouxeram suas famílias, esposas e filhos que passaram a residir nas moradias ofertadas pelas empresas mediante o sistema de vila operária. O principal motivador deste deslocamento eram as promessas de melhores condições de salário, ascensão profissional na empresa e emprego para os familiares.

Seguindo ainda a mesma linha de perguntas questionei qual era a ocupação dele na empresa.

(05) Trabalhador João: Eu trabalho no repicão², é uma máquina que reaproveita a madeira que estava no lixo, explica ele, desse jeito, se aproveita bem a madeira. Quando a caixa do lixo fica cheia, no final do dia eles colocam no repicão e nós fazemos o reaproveitamento da sobra.

Dessa forma entendemos que mesmo esse trabalhador da indústria na condição de analfabeto, tem uma atuação importantíssima na empresa, pois eles fazem um trabalho minucioso para que todo o setor funcione em ordem e também para que não haja prejuízos e nem desperdícios na produção para a empresa. Refletindo sobre as respostas desse trabalhador

² Máquina de reaproveitamento de madeira.

continuei a questionar se ele chegou a frequentar a escola, porque se evadiu dela, e se ele tem vontade de voltar a estudar, de estar em uma sala de aula. E ele respondeu:

(06) Trabalhador João: Eu não fui à escola, morava no sertão de Alagoas, lá não tinha escola. A minha vida e a de meus irmãos era ir para a roça com o meu pai. Quando eu tinha 12 anos ele faleceu. Eu sou o mais velho de cinco irmãos, me obriguei a trabalhar mais ainda, para ajudar no sustento dos menores. Minha mãe se casou novamente. Ai dois de seus irmãos, os mais novos aprenderam a ler e escrever um pouco, porque logo que minha mãe se casou eles foram morar com a minha avó e ela colocou eles na escola, mas, foi por pouco tempo, logo tiveram que trabalhar também para se sustentarem.

Sendo assim, identificamos que esse trabalhador infelizmente desistiu de estudar por causa da relação com o trabalho e não por vontade própria, não pode investir em si mesmo em relação ao seu capital social e em particular na aquisição da escrita e da leitura. Podemos desta forma, entender que a intensa carga horária de trabalho, pode ser uma das causas da exaustão e extremo cansaço, não permitindo que esse trabalhador da indústria madeireira avançasse no conhecimento, tão pouco frequentasse a escola na idade adulta. Com todos esses relatos e desabafos, prosseguimos em perguntar, qual seria o pensamento dele em relação à escola e em relação a estudar.

(07) Trabalhador João: Meu sonho é saber escrever meu nome, para mim, isso significa ir a qualquer lugar sem ter que pedir ajuda me virar sozinho. Porque pra mim a pessoa que não lê e não escreve é igual cego, eu estou vendo as coisas, mas, eu não sei o que é. É igual cego que precisa da bengala. Você chega num lugar e tem que perguntar para as pessoas se o endereço está certo, qual é o preço das coisas, pra mim isso é muito ruim, eu tenho muita vontade de aprender, eu nunca tentei não, a gente trabalha muito, e vai deixando as coisas pra depois.

Considerando a fala do entrevistado, podemos perceber que, com sua história de vida, com seus relatos; nos fala de uma vida sofrida, onde se inseriu no mercado de trabalho muito cedo. A precariedade que a família vivia na época, não lhes permitia inserir os filhos na escola. Fazendo-se necessário que eles assumissem responsabilidades de um adulto, ou até mesmo de um chefe de família, privando-se dessa forma dos seus direitos de frequentarem a escola e nela passarem pelo processo de alfabetização. Segundo afirma a LDB (9.394/96, Art. 2º.), “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos

ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Percebemos então, que a esse trabalhador, foi lhe imposto à condição contrária, ou seja, em primeiro lugar, ele iniciou sua vida no mercado de trabalho e não na escola.

É de nosso conhecimento, que a escola tem o papel importantíssimo na formação dessa pessoa como cidadão e membro participativo de uma sociedade. No entanto, na expectativa de uma vida melhor, dedicou-se exclusivamente ao trabalho, despercebido da expropriação, tanto material quanto de capital cultural. Tornou-se fruto dessa ação, sujeito domesticado para o fracasso na aquisição da leitura e da escrita. Nesse mesmo entendimento, Marx apud Picoli e Santos, (2005, p.87) nos afirma que, “esse empobrecimento intelectual, ocorre porque os homens, antes de ter chegado à sua maturidade foram transformados em simples máquinas tendo por função produzir mais-valia, e que é preciso distinguir cuidadosamente da ignorância natural”.

Ao refletirmos a educação de adultos, é preciso mais do que a simples vontade do ato de ensiná-los a ler e a escrever. Pois, trata-se de pessoas que já carregam consigo uma bagagem histórica em torno de sua trajetória de vida. Pessoas marginalizadas por uma sociedade fortemente marcada pelo meio onde se encontra inserida. Numa relação de causa e efeito, percebe-se que o trabalho requer um grande esforço físico, provocador do desestímulo frente a uma possível jornada de mais quatro horas de escolarização.

Nesse caso, nota-se grosso modo, que esses trabalhadores estão severamente marcados nos dias atuais quando se fala de processo para ingresso no mercado de trabalho, pois contemplam apenas o setor madeireiro como principal fonte de trabalho e renda. Essa situação por ele enfrentada o remete a condição de alienado e de oprimido, excluindo-o do próprio contexto onde se encontra inserido. No entanto, entende Freire (1987, p. 65) que, “a opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida.” Percebemos quão forte é essa afirmação, e o quanto essas pessoas que se encontram oprimidas sofrem, pois se tornaram prisioneiras dentro de seu próprio espaço social.

Compreendendo o processo a que eles se remetem, podemos entender que, esse medo vem da privação vivida por eles em relação ao processo formativo por parte da escola, da falta de conhecimento da escrita e da leitura. Desta forma, entende Freire (1990, p. 7) que, “dentro dessa perspectiva, a alfabetização não é tratada meramente como uma habilidade técnica a ser adquirida, mas como fundamento necessário à ação cultural para a liberdade, aspecto essencial daquilo que significa ser um agente individual e socialmente constituído.” Percebemos que, em sociedade essas pessoas já estão, mas, ao mesmo tempo como excluídas,

pois não se encaixam nos padrões estabelecidos por essa mesma sociedade, que escolhe e seleciona somente o que para ela é considerado relevante a cada necessidade.

5 CONCLUSÃO

Ao finalizar esta pesquisa, não a considero acabada, pois aqui estamos falando de vidas, são pessoas que estão vivendo as mesmas condições sociais desde que aqui chegaram. Ficam ainda pelo caminho as várias perguntas a respeito do que podemos fazer para dar suporte a esses trabalhadores. Suporte no sentido de que elas tenham realmente seus direitos como cidadãos garantidos e executados. Desta forma, podemos perceber que, em relação ao desenvolvimento intelectual e social do entrevistado, fica claro que os desafios diários fazem com eles muitas vezes se sintam amedrontados, desmotivados e marginalizados, mas, também deixa claro o quanto são persistentes em relação à vida.

Entendendo assim, que a alfabetização é um processo importante na vida do sujeito. Neste sentido, ao finalizar essa pesquisa, espera-se que outros caminhos possam ser abertos para aprofundar o objeto pesquisado, tornando dessa forma, possível as mudanças necessárias para que haja à oportunidade desses trabalhadores terem suas vidas inseridas no processo escolar como meio de aquisição de leitura e de escrita.

THE PROBLEM OF ILLITERACY IN INCOBEMA WOOD - INDUSTRY AND TIMBER TRADE LANDOWNING OF SINOP, MATO GROSSO

ABSTRACT*

This article aims to investigate the problem of illiteracy in the company employees Incobema Timber Industry and Trade in Sinop, Mato Grosso State. In this sense, the research focused on one of the company's employees, covering the history of his life and the relationship between work and school. The research was characterized as semi-structured interviews with theoretical foundation grounded in the perspective of Paulo Freire. As a partial result it was found that the illiterate workers are severely marked when it is discussed about the process to enter the labor market as only include the timber sector as the main source of employment and income.

* Revisado por Leandra Ines Seganfredo Santos, Coordenadora do Conselho de Tradutores para Línguas Estrangeiras (CTLE) da **Revista Eventos Pedagógicos**.

Keywords: Illiteracy. School. Company Employees. Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Roberto Alves. Evasão escolar de alunos na educação de jovens e adultos – EJA: **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 2, maio/jul.2012.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. Artigo 37º § 1º de 20/dezembro/1996. Lei de diretrizes e bases da Educação (LDB).

FERREIRA, Liliana Soares; BONETI, Lindomar Wessler (Org.). **Educação & Cidadania**. Ijuí: Unijuí, 1999.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo leitura da palavra**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LORD, Lúcio. Trabalho, Educação e Cultura: considerações sobre o terceiro movimento de ocupação da Amazônia Mato-grossense e formação da sociedade local. **Revista Educação, Cultura e Sociedade. ECS**, Sinop/MT, v.1, n.2, p.175-187, jul./dez. 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2010.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996. 195p.

PICOLI, Fiorelo. **Amazônia: a ilusão da terra prometida**. 2 ed. Sinop: Editora Fiorelo, 2005.

SALVADOR, César Coll. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Art Med, 1999.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.